

DA MÃO AO CORAÇÃO: UMA FESTA POLÍTICO-RELIGIOSA NA CIDADE DE SÃO PAULO NO GOVERNO DO MORGADO DE MATEUS (1766)

Pedro Mayer Bortoto (PIBIC-UNICAMP), e-mail: pedro_bortoto@yahoo.com.br

Dra. Leila Mezan Algranti (orientadora)

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - IFCH-UNICAMP

1 - INTRODUÇÃO E OBJETIVOS:

Partindo da perspectiva de que a política é bem mais do que a mera seqüência de acontecimentos que concernem à vida dos chefes políticos, o presente projeto pretende analisar uma Festa de caráter político e religioso que ocorreu na cidade de São Paulo em 1766. Consideramos os momentos festivos como sendo espaços de representação política e de manifestações sócio-culturais múltiplas e acreditamos que por meio da investigação desses aspectos seja possível perceber qual o papel que as festas desempenhavam junto à administração pública, especialmente, enquanto reconhecimento do poder da Coroa portuguesa.

Com base na documentação encontrada, focamos o governo de D. Luis Antonio de Souza Botelho Mourão, o Morgado de Mateus (1765-1775). Como inicialmente o recorte comportava vários governadores, decidimos escolher apenas um deles, já que a possibilidade de trabalhar com um episódio ocorrido durante este governo (e que ainda não foi analisado pela historiografia mais detalhadamente) chamou a nossa atenção e estimulou nosso desejo em trazer contribuições à discussão sobre o período.

A festa de 29 de maio de 1766 foi a primeira a qual atendeu o Morgado de Mateus na condição de Governador empossado. O próprio D. Luis Antonio, em carta ao ministro Conde de Oeiras datada do dia 24 de dezembro, narrou como fora a festa, informando que tudo ia seguindo os conformes até o momento em que ele, o Governador, deveria ser incensado com o turbulo pelo diácono e não o foi. Contrariado com o sucedido, o governador pediu ao Cabido da Sé que fizessem um parecer sobre essas questões como também juntou ao seu próprio comentário. D. Luis Antonio recolheu toda essa documentação e enviou tudo para o ministro avaliar o sucedido. Este foi o ponto de partida de nossa pesquisa.



As procissões contavam com vários objetos e vestimentas específicas daqueles momentos festivos. No caso da procissão do Corpo de Deus não era diferente.



O Conde de Oeiras, futuro Marquês de Pombal. O idealizador das políticas do Morgado de Mateus.

2 - METODOLOGIA E FONTES:

O enfoque teórico-metodológico está embasado na chamada *Cultura política*: uma renovação dos estudos sobre história política que busca muito mais as sensibilidades e as nuances do “fazer política” do que meramente examinar instituições de forma estritamente factual. Para os estudiosos dessa nova forma de estudar a política no império luso-brasileiro, as cerimônias durante o Antigo Regime “constituíam situações complexas de troca de mensagens entre os protagonistas da cena política” (CARDIM, 2001, pp. 97-8).

Dessa forma, compreender a Festa bem como suas representações políticas é a proposta desse projeto, além de entrar em contato com a documentação de época, através dos desafios paleográficos e lingüísticos resultantes da leitura e do fichamento da correspondência do Capitão-mor da capitania de São Paulo com as autoridades metropolitanas.

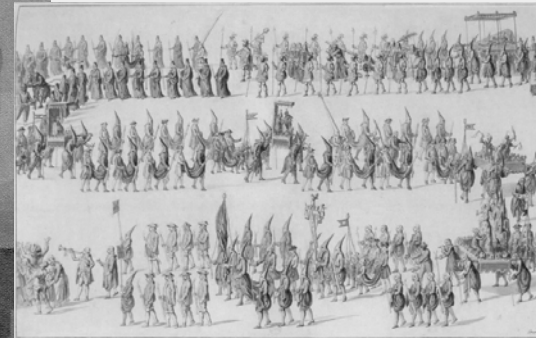


D. Luis Antonio de Souza Botelho Mourão, o Morgado de Mateus.

3 - RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Na mentalidade dos homens do Antigo Regime, a festa do Corpo de Deus era uma das principais celebrações do calendário litúrgico da Igreja católica. Pode-se perceber sua importância nas festas religiosas na América portuguesa em vários documentos de época, entre esses, nas *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. Tratava-se de um momento de profissão pública de fé, fazendo com que a missa desse dia ficasse voltada exclusivamente para a adoração da hóstia – o sacramento católico mais importante. Nessa medida, se constituía em um dia santo, em um momento solene e de veneração.

Receber as lúreas corretamente em momentos como este em uma sociedade que privilegiava a valorização da ordem era exercício de predominância política. Como aponta o título vinte e oito do quarto livro das *Constituições do Arcebispado da Bahia*, governadores, camaristas e sacerdotes deveriam ficar no mesmo patamar enquanto assistiam à missa. Uns viam os outros e isto formava um campo de disputa dentro da elite em que aquele que fosse mais laureado, elogiado e comentado era o predominante. Não incensar o governador numa festa era percebido como uma falha considerável. Assim, se pensarmos no incidente da festa de 1766, este não deixa de ir ao encontro das ideias políticas presentes no Antigo Regime, se constituindo em mais um exemplo marcante nas disputas entre as elites da governança no Império português. Logo, momentos festivos como a festa estudada do Corpo de Deus, se apresentavam como situações-chave para o reconhecimento e o destaque desejados pelo Morgado de Mateus – que iniciava um governo considerado controverso até hoje.



As procissões eram momentos marcantes das celebrações de Corpo de Deus. Ao fim delas, todos se dirigiam à Igreja para celebrarem a missa em respeito à hóstia.

4 - CONCLUSÕES:

Ao que tudo indica, a disputa em questão era um esforço inicial e aparentemente desesperado do Morgado de Mateus de se impor como autoridade perante aos paulistas. Como um homem inserido nas relações entre Colônia e Metrópole, próprias do Antigo Sistema Colonial –, o Morgado de Mateus aparentemente sentiu a necessidade de ter total controle político da localidade que estava encarregado de governar. Assim, não podia ter havido momento mais claro para que ele pudesse começar a agregar poder político do que uma festa da importância daquela do Corpo de Deus, quando ocorreu uma falha de etiqueta para com o governador. O diácono, ao não incensá-lo, não prestou o respeito que o Governador achou que merecia. Dessa forma, D. Luiz Botelho Mourão se sentiu no direito de pedir reparação aos representantes da Igreja, “forçando” o diácono a sempre incensá-lo nas celebrações, sendo que a primeira vez ocorreu em outra festa oficial do calendário católico (Festa da Assunção de Maria, em 15 de agosto). Não podemos deixar de imaginar o Morgado de Mateus como um governante do tipo que Luis XIV enunciou certa vez: “[...] que aquele que desempenha essa função [de governo] esteja de tal modo acima dos outros que ninguém se possa confundir ou comparar com ele e não se pode, sem lesar todo o corpo do Estado, retirar à sua cabeça os sinais de superioridade, e mesmo os mais ínfimos, que a distinguem dos seus membros”.

5 - BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Autoridade e Conflito no Brasil Colonial o Governo do Morgado de Mateus em São Paulo*. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1979.
- CARDIM, Pedro. Entradas solenes: rituais comunitários e festas políticas, Portugal e Brasil, séculos XVI e XVII in: JANCÓS, I. e KANTOR, I. *Festa: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Imprensa Oficial, Hucitec, Edusp, FAPESP, 2001, pp. 97-124.
- ELIAS, Norbert. *A Sociedade de corte*. Lisboa: Estampa, 1995.
- JANCÓS, István e KANTOR, Iris (orgs.). *Festa: cultura e sociabilidade na América portuguesa*. São Paulo: Imprensa Oficial, Hucitec, Edusp, 2001, 2 vol.
- NOVAIS, Fernando A. *Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial (1777-1808)*. 8ª ed. São Paulo: Hucitec, 2005 [1ª ed.: 1979].
- SOUZA, Laura de Mello e. *O Sol e a Sombra: política e administração na América portuguesa do século XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.